

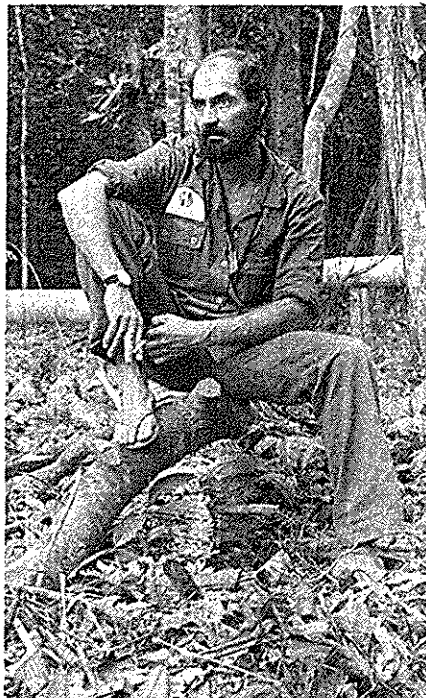
# O longo, difícil, e perigoso namoro do Brasil civilizado com os arredios índios Araras

Texto e fotos: Bitá Carneiro



“... dentro de alguns anos, outro viajante, desesperado como eu, nesse mesmo lugar, chorará o desaparecimento do que eu teria podido ver e que não aprendi.”  
(Levi Strauss — Tristes Trópicos)

*Na página ao lado, o sorriso do Arara, confiante na nova amizade. Abaixo, placa notificando a presença dos índios e interditando a área para os trabalhos de Atração. Acima, os Arara trazem presentes. No centro, o sertanista Sydney Possuelo, coordenador da Frente de Atração Arara. À extrema direita, o chefe do P.I.A. Técnico indigenista Wellington Figueiredo.*



“(...) Na margem direita ainda se encontram os três souvenirs dos Arara: Bananal dos Arara, Serra dos Arara, e, logo após, a Cachoeira dos Arara, que não é uma corredeira. A região está se povoando. Nas ilhas (como por todo o Xingu e em nenhuma parte em terra firme por medo dos índios bravos), as barracas de seringueiros recentemente instalados mostram que o elemento civilizado avança, lentamente mas com firmeza, para a conquista do Alto Xingu.” (Henri A. Coudreau — Voyage au Xingu, 1896, Paris)

**A**nanum Arara Silva é o único remanescente de uma família que, há 40 anos, atraída pelos benefícios da sociedade tecnológica, deixou as cabeceiras do Igarapé Pacajá rumo a Altamira: “— Nós era 20. Ficaram acho que 50 que não queria vir. Morreu muitos de catarrão (gripe), meu pai também. Eu era assim (e mostra a altura de meio metro do chão). Minha mãe inda viveu muito, até outro dia. Ela se casou com cristão e é dela que eu lembro as histórias e um pouco da fala...”

Remontam ao século passado os primeiros registros desse povo que, desde então, é reconhecido por Arara. Não se sabe ao certo por que ou quem atribuiu o nome — Arara — ao grupo; entretanto, até hoje é inteiramente seguro que eles não se identificam como tal. Consta que, no começo do século, manteve-se contato pacífico com estes índios, em vários trechos dos rios Iriri e Penetecaua, e não eram raras suas visitas à cidade de Altamira, no Pará.

Habitantes das imediações dos rios Xingu e Iriri, foram constantes os deslocamentos que sofreram pela ação hostil de seringueiros e gateiros (caçadores de onça) da região. Acrescente-se a estes a massa humana heterogênea que segue no bojo do desenfreado processo de desenvolvimento e ocupação do território nacional, realizado sobretudo na última década.

Inúmeras são as roças Arara reaproveitadas pelos colonos e posseiros ao longo da rodovia, dos arredores de Altamira até o Km 120, aproximadamente. Houve, na época da construção da estrada, ferrenhas disputas entre os colonos para a aquisição de um lote *beneficiado* pelos índios. Seu Honório, paraibano e ex-lavrador no Paraná, hoje colono da vicinal do Km 80 Transamazônico, admite: “— Quando cheguei aqui em 72, só fiz aproveitar esse punhado de roça e assentar. Tudo esses mamão, banana, mandioca era dos índios que tinha fugido daqui.”

A mata infinita e farta, outrora habitada por esse povo, conta com limites estreitos e bem definidos. E não é muito o que se tem de concreto com relação à segurança desses limites... E uma Frente de Atração Indígena montada neste momento e nestas circunstâncias enfrenta dificuldades bem particulares.

A primeira Frente Arara foi instituída em 1971, com um posto de atração na altura do Km 75. De lá para cá,

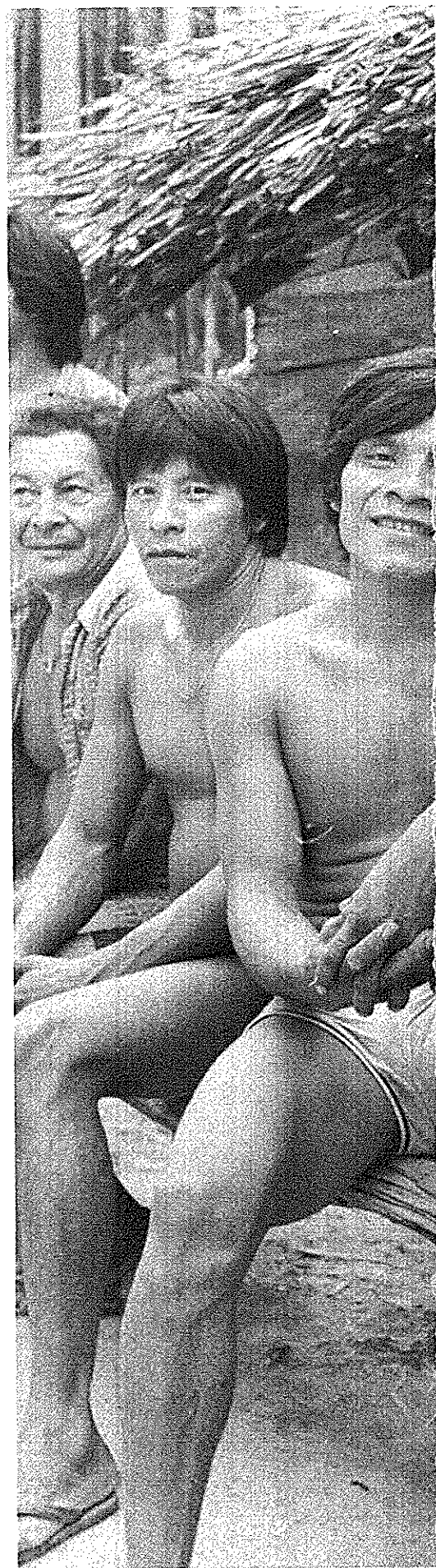
a Frente veio atuando numa linha interrompida de trabalhos assistemáticos. Alguns sertanistas, como os irmãos Villas Boas e Chico Meireles tentaram o empreendimento, sem contudo obter êxito. Concomitantemente à construção da estrada, às penetrações e à implantação de projetos de colonização, sucessivos têm sido os conflitos entre índios e civilizados. A própria rodovia teria passado a algumas centenas de metros de uma grande aldeia Arara.

Ao longo de quase uma década, a Frente atuou numa linha interrompida de trabalhos assistemáticos, tendo sofrido diversos ataques. Curiosamente, em 1974, 396.150ha do território indígena, ao sul da Transamazônica, foram vendidos a uma empresa gaúcha, Contriujuí, tendo sido mais uma vez esquecidos os direitos do povo Arara.

A Frente havia sido mais uma vez desativada em fins de 1979, após um ataque em que os sertanistas Afonso Alves e João Carvalho, além de um funcionário, foram gravemente flechados, quando Sydney Possuelo, sertanista e assistente da Superintendência da Funai, em visita ao local, decidiu insuflar o projeto, o que se fazia premente, senão tardio... Com larga experiência em trabalhos de atração de índios arredios, o próprio Sydney seria designado para coordenar a nova Frente velha, e, para auxiliá-lo, convocou o técnico indigenista Wellington Figueiredo. Foi feito um levantamento minucioso da situação, entre sobrevôos e a compilação dos fatos, e, sobre uma estrutura mais sólida, foram traçadas as táticas de aproximação com o povo Arara.

#### MARÇO-ABRIL/1980 — A MONTAGEM DA FRENTE

De início, foi efetuada a interdição da faixa de 80km ao longo da Transamazônica, entre os Km 80 e 160 ao sul, compreendendo, aproximadamente, 40km desde os últimos lotes de colonização do INCRA até as margens do Iriri, o restante da área tradicionalmente ocupada pelos índios (esses limites estão definidos na portaria 528n de 30 de outubro de 1978). Foram assentadas placas notificando a presença dos índios e a interdição da área, no fim de cada vicinal encontrada no trecho. Exatamente no final do travessão 120, foi instalado um posto de vigilância, o PV1. Dali, um contingente de 12 homens cuida da fiscalização desta área, impedindo novas penetrações. A remoção de posseiros,





grileiros, extratores de madeira, gadeiras e caçadores de maneira geral é imprescindível para garantir alguma tranquilidade aos Arara — e consequentemente o êxito e a segurança necessários para os trabalhos de atração. Só assim pode-se pensar em reconquistar a confiança desses índios.

Seu Milton, 58 anos, “largou a seringa para trabalhar com o índio, que dá melhor condição”. Mateiro da Frente Arara, na sua rusticidade, não se cansa de levantar hipóteses e traçar comparações e conclusões. Flechado no peito em 77, próximo a uma aldeia, diz que não morre sem conhecer direito o “cumpadre Arara”. “— *Esses índio pode não dar fala logo não. Tem muitos anos que eles é espizinhado. Se ainda fosse pelos novo, eles já tinha dado fala. Mas os velhos não deixa. Aí os velho conta as histórias dos cristão que eles viram, que mataram eles, perseguiram eles. É de doer! Esses índio não vive mais, se esconde. As mulher não canta mais. As crianças não chora... pra num dá vistígio...*”

Paralelamente, foi implantado um posto de atração ao norte da Transamazônica, para a aproximação com outro grupo Arara, provavelmente menos numeroso. A princípio, todos os esforços foram canalizados para o contato com este grupo menor. Também foi pedida a interdição da área onde se encontram as malocas e roças deste grupo, entre os Km 60 e 80, adiante dos lotes do INCRA, ao norte da rodovia. E o acampamento montado, 15km mato adentro, foi cognominado *Frente Penetcaua*.

*Maio-Junho/80 — Tchari Pangó... Muñi Ayé!!! (Cristão é bom... não quer brigar!)*



A base Arara na cidade de Altamira

Recém-levantado, o acampamento de fato recebeu cotidianas visitas noturnas dos índios, que batiam a corda do arco e jogavam coco de babaçu, demonstrando revolta quanto à nova vizinhança. Ao lado de uma tocaia de caça dos índios, próxima ao posto, foi armado um *tapiri* (abrigo feito de pau e palha) de brindes, tais como rede, farinha, bacia, panela, machado, facão, peneira, fio de algodão, tesoura etc. Em cada uma das três picadas de acesso ao acampamento foi pendurado um caldeirão. A tudo isso, os índios responderam com um cipó amarrado obstruindo o caminho mata adentro, e amassando violentamente a tampa de uma das panelas.

Outro obstáculo importante nesta Atração é a língua. Supondo pertencer ao tronco lingüístico *Karib*, são utilizados como intérpretes alguns índios Wai-wai do Posto Mapuera, e alguns Txicão do Parque Nacional do Xingu. Durante as perambulações noturnas dos Arara no acampamento, tanto Ananum como os Txicão falaram muito mas não foram sequer retrucados, não se sabe se por não terem sido entendidos, ou simplesmente por opção dos Arara.

Ananum se lembra de alguns nomes de bichos e das coisas da natureza. Apesar de seu metro e setenta e tantos de porte largo e troncado, da sua tez bastante clara, e de seu temperamento doce, muito calmo, seu nome — Ananum — significa “pium”, um mosquito pretinho, de picada dolorosa e inconfundível.

“O Afonso levava nós no rumo de uma aldeia. Demo com eles lá e eu gritava — Cristão é bão, não quer brigar!... Cristão é bão! — e eles falava que ia cercar nós, ia flechar nós, e eu continuava — Tchari pangó, muñi ayê!... — Nós fomo voltando, sem se virar, e eles flechando, cercando nós. Flecharam Seu Milton no peito. Aí o Afonso perguntou se dava de caminhar e ele falou que dava. E fomo voltando, as flecha atrás: Era muita flecha... Agora eu tenho medo, quero ajudar meu povo, mas eu tremo todo...” (Ananum descrevendo o ataque ocorrido em setembro de 77)

Ao longo da última década, as penetrações se fazem rápida e violentamente. Com elas, as estradas, o desmatamento e a transformação do ecossistema. Proliferam as criações de gado. Abundam os projetos para a ocupação das áreas *desabitadas* (?). Ao diretor do PIC-Altamira/INCRA, foi pedido que sustasse o projeto Brasil Novo, que compreende exatamente a área ao norte da rodovia, tradicionalmente indígena, onde vêm sendo efetuados trabalhos de atração.

Todavia, ainda é muito difícil controlar uma área de mata contra as invasões que ocorrem por todos os lados. Além dos posseiros que não param de chegar, ouve-se falar da presença de *gateiros* — sem dúvida, os elementos mais predatórios na leva de ignorantes miseráveis.

“Gateiro é um cabra desgraçado. Não tem apreço por nada. Mata tudo

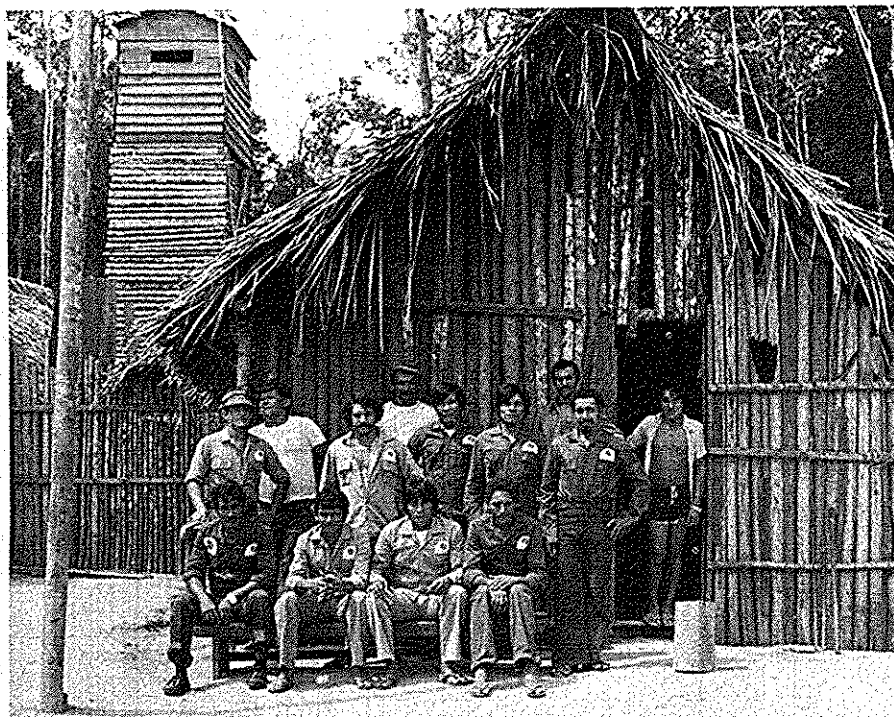
quanto é bicho, mata índio, mata por matar. Eles anda muito, matano, vara até o mundo. Eles são a desgraça mesmo!” (depoimento de um ex-gateiro, hoje empregado na Frente Arara)

Apesar da clandestinidade desse mercado, muitos optam pela atividade, que oferece bom dinheiro. “— Hoje, uma pele de gato (onça) deve valer Cr\$ 6 mil, pra mais...”

A desgraça maior, no entanto, são os *grileiros* — geralmente pequenos fazendeiros alfabetizados e bem-sucedidos que, ainda insatisfeitos com suas pequenas fortunas oriundas das negociatas, continuam devastando e cercando as terras indígenas, para vendê-las mais tarde. A rentabilidade do negócio é tamanha que um certo grileiro chegou a comprar alguns terrenos de posseiros invasores assentados no Km 85 ao preço de Cr\$ 40 mil, depois de promover uma extensa brocagem (desmatamento) adiante dos lotes do INCRA, ao norte da Transamazônica, terra do Arara.

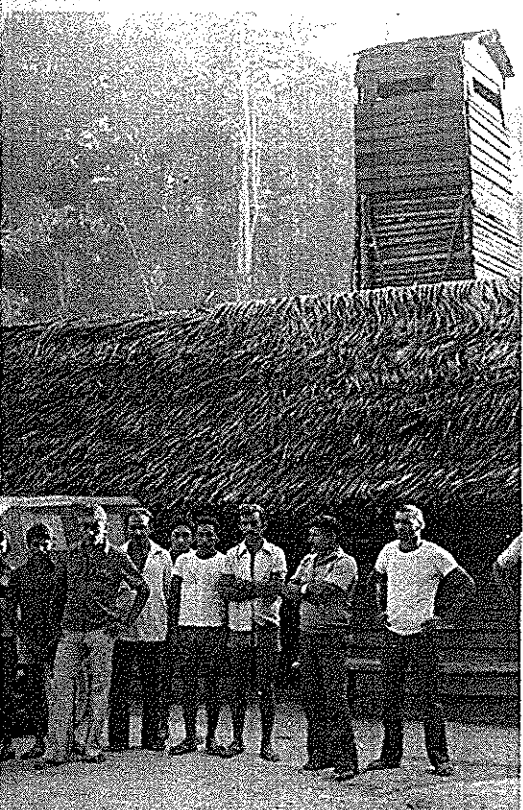
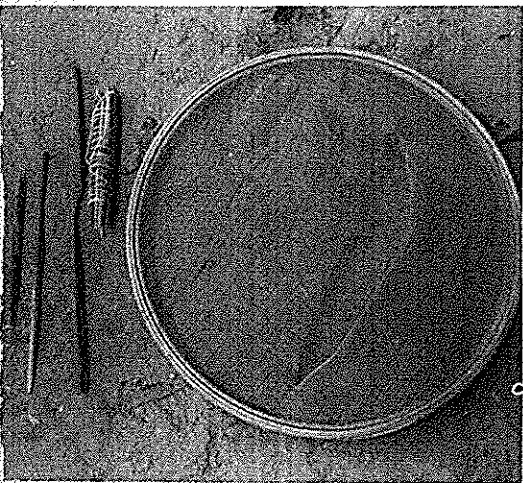
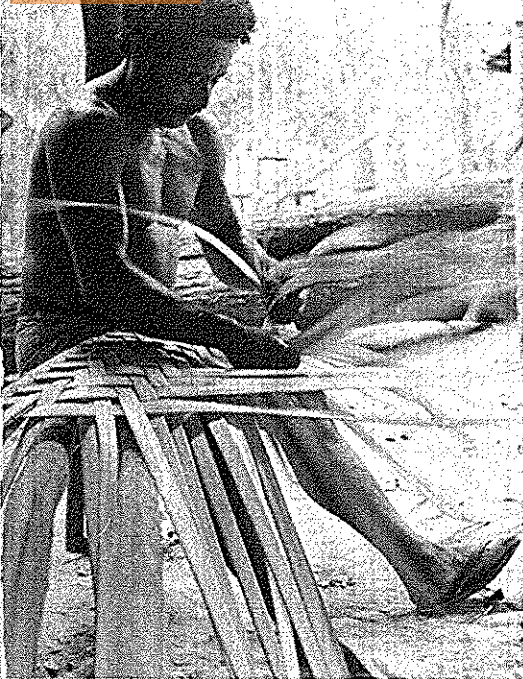
## O ATAQUE — JULHO/80

Diante de sucessivos rechaços às anteriores tentativas de aproximação na área sul, coube ao *PV I* a função básica de fiscalização da referida área, além de uma política de brindes em três *tapiris* montados não muito distante da casa do posto. O terreno em volta foi bem limpo para maior segurança do pessoal. Os Arara co-



Objetos recolhidos em caminhada — a peneira não foi útil aos índios, que a rasgaram. Ao lado, a casa da roça.





meçaram a pegar os brindes, até que houve o último ataque, numa noite de lua minguante.: PV 1, 12 de julho de 80 — *“Já ia embora a luz do sábado, nós tava começando a janta em volta da mesa. O Antônio tinha levantado e voltou pedindo o lugar dele. Todo mundo tava sentado, comendo, de repente a gente só ouviu as chiadeira no ar e se jogamo no chão. Uns correram pra dentro, Viramo a mesa e ficamo assim por detrás, e as flechas vinha da parede, dos buraco entre os pau. Foi um que correu pra dentro e virou o motor. A luz acendeu e eles fugiram... O Antônio levou flecha na boca e no braço. O Evandro na junta do dedo... Inda bem que a porta tava fechada que senão eles matava nós.”* (Joá, mateiro da FAA)

Daí a pouco, a Base Arara, em Altamira, era notificada, no contato das 20h, pelo rádio. A Toyota foi imediatamente deslocada para remover os feridos. Foi aumentado em alguns homens o contingente do posto, e reforçados os brindes nos tapiris. Logo no dia seguinte ao ataque, foi levantada uma torre de observação com um holofote. A vigília noturna foi instituída com o revezamento de três homens — 19h/22h30min/3h. Um sino feito de lata acorda a sentinela seguinte que assume a guarita. Em caso de emergência, a campainha soará intermitente.

Qual seria a razão do ataque? Desde maio, quando foi reimplantado o posto no Km 120, os Arara vêm observando a movimentação desses homens que se encontram na vanguarda das penetrações naquela área. A poucos quilômetros dali, em terreno limítrofe à área interdita, um trator fazia a devastação da floresta para a extração de madeira. Aos olhos araras, a História se repetia. E era como se o posto acobertasse a festa do ruidoso monstro mecânico que, guiado por um só homem, era capaz de exterminá-los.

Pela primeira vez na história da Frente, um posto foi mantido após um ataque. Além da torre de vigilância e do holofote varando a noite, foi construída uma cerca antes do término da vicinal, impedindo a entrada de pessoas estranhas à Frente Arara e reftreando as penetrações por ali. Cientes de toda a movimentação, em pouco tempo, mais precisamente em setembro, os índios voltaram a frequentar o posto, pegando os presentes: fósforos, banana, farinha, raiz de maniva, machados, terçados e rapadura — esta última por sugestão de Karayvah, um índio Txicão que,

rememorando os tempos em que foram contatados, conta que os presentes eram jogados de avião. Logo que depararam com a rapadura, pensaram ser o excremento do grande pássaro de ferro, mas resolveram provar, e gostaram muito...

Um dia, nesse setembro, os dois habilidosos índios Wai-wai que trabalham no PV 1 talharam duas flautas de bambu que também deixaram no tapiri central, o mais freqüentado. Na madrugada seguinte, os índios foram ouvidos testando os instrumentos, que aceitaram de bom grado.

#### PROGRESSO NAS RELAÇÕES — PV 1, 14 DE SETEMBRO/80

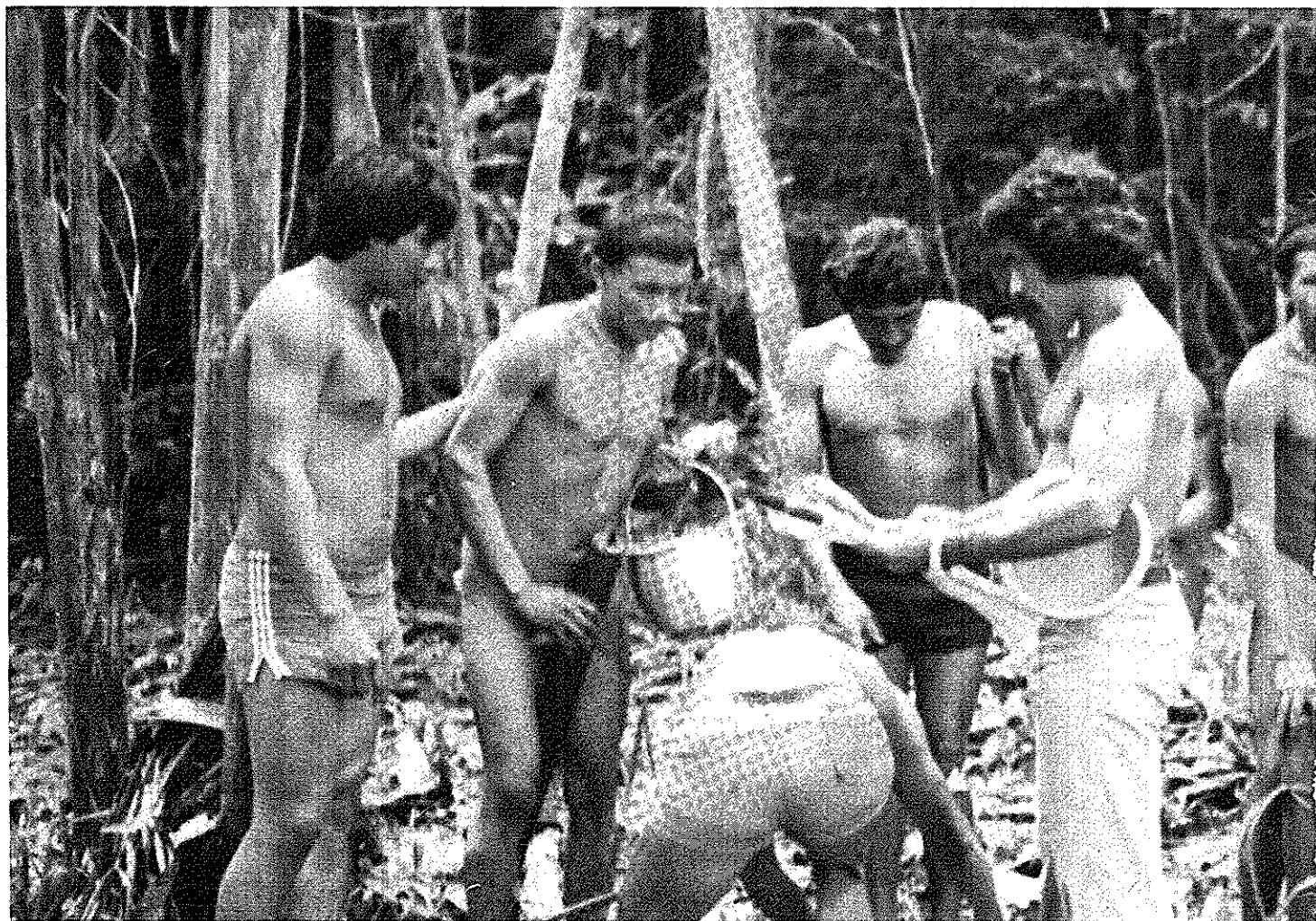
No contato das 7h da manhã, Gérson, o responsável pelo posto, informava à Base já ter visitado o tapiri que não estava vazio, mas com presentes, desta vez, dos Arara para o pessoal da Frente. Dependurados com barbante e cipó, da mesma forma como encontram alguns de seus brindes, os índios deixaram um jabuti, cinco diademas de festa confeccionados em palha de babaçu, além de duas grandes tabocas, interpretadas como um pedido de novas flautas.

No simbolismo desta relação, este gesto possui imenso significado. Desde tempos remotos, foi a primeira manifestação generosa dos Arara de que se tenha notícia para com um grupo da nossa grande tribo.

#### A FRENTE PENETECAUA

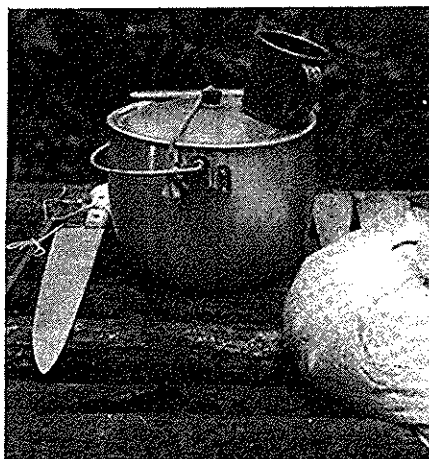
No acampamento ao norte, o trabalho é mais ativo. Incansáveis caminhadas vêm sendo feitas para a localização e troca de brindes com o grupo que aí se encontra.

Se já não é fácil identificar um caminho de índio, torna-se mais árdua a tarefa de encontrar os vestígios desses silvícolas, historicamente perseguidos. A poucos quilômetros do tapiri levantado, foi encontrada uma pequena maloca, e, de lá, seguiu-se um desses caminhos que levaria a uma grande roça. No percurso, uma cancela feita de palha constituía mais um aviso para não se prosseguir, depois das diversas palmas cortadas tapando o caminho, e do cipó amarrado perto da grota que serviu a um acampamento de passagem dos expedicionários. Ao que parece, os índios receosos não vêm trabalhando muito mais nesta roça; entretanto, esporadicamente, vêm colher seus frutos. A plantação é um grande emaranhado



de cará, urucum, mandioca, algodão e banana.

Recentemente, foi encontrada uma casa que, embora os índios estivessem ausentes àquela hora, parecia habitada. No seu interior, foram constatados nove “fogos” — restos de pequenas fogueiras —, o que denuncia a existência de, no mínimo, nove adultos; — estes fogos geralmente são feitos debaixo das redes, para esquentar o sono da madrugada. Na chegada da casa, um dos mateiros feriu o pé num dos vários conjuntos de “estrepes” — tabocas agudamente afiadas, semi-enterradas no chão em direção ao visitante, disfarçadas entre as folhas. Surpreendentemente, este mesmo artifício de defesa era também usado pelos vietnamitas contra os americanos. Contrastando com as casas conhecidas, antigas e já abandonadas, construídas em terreno limpo, esta foi feita entremuada a um cipoal fechado. Foram deixados presentes em todos os locais evidentes do retorno dos índios. Mais adiante, após mais um dia de caminhadas e buscas, os vestígios começavam a se acumular, quando depararam de re-



pente com uma tocaia de caça, verdinha, montada provavelmente no mesmo dia. Apreensivos mas já refeitos do susto, o chefe do PIA (Posto Indígena de Atração) e um mateiro andaram em direção ao novo achado. A tocaia, felizmente, estava vazia. Nela foi deixado um jabuti amarrado e um colar de miçangas como presentes.

Entre cipoais e estrepes, os índios sobrevivem e se deslocam, mas não parecem dispostos a se afastar muito de sua roça, que ainda representa uma fonte rica e mais ou menos segura de alimentação.

Um momento significativo naquele estágio dos trabalhos da Frente ocorreu em agosto, quando o Chefe do PIA e técnico indigenista saiu com um mateiro, atrás de certos rastros, observados acima do igarapé Pium, o mesmo que banha o acampamento do posto. A uns 6km de distância, reconheceram no chão a marca de nádegas humanas. Mais adiante, os dois se separaram. Ouviu-se um murmúrio de mulher e logo depois um assovio. Os dois responderam, já que nenhum deles havia silvado primeiro. Em se-



guida, juntaram-se para saber quem estava chamando quem. O esclarecimento se deu nos tantos assovios seguintes. Os índios, bem próximos, também confundidos, passaram a assoviar sem parar, de todos os lados, como se fossem muitos — deveriam ser dois ou três, no máximo. Atentos, os frentistas tentaram manter o contato musical por alguns minutos, mas, diante da imperceptível agilidade dos Arara e da possibilidade de um ataque, foram voltando devagar, sempre assoviando, deixando transparecer uma calma que não devia passar da aparência.

No dia seguinte, voltaram ao local, onde deixaram presentes. No caminho, encontraram dois cocos abertos, provavelmente comidos pelos índios depois de uma visita ao acampamento, atrás dos parceiros de improviso.

Alguns dias depois, em visita ao local, foi encontrada uma perema (espécie de jabuti), presa numa forquilha. Presente dos Arara?

#### Novas Descobertas na Frente

Em meados de setembro, Wellington promovia outra caminhada com



*Na foto superior, os Arara e a Equipe do P.V.I. Na outra página, o Tapiri de brindes do P.V.I.; local onde se estabeleceu o namoro. Ao lado, dois jabotis amarrados com cipó — presente dos Arara.*

três mosteiros para a averiguação dos presentes. Saíram passando pelo tapiri de brindes e pelo ex-acampamento. Os presentes estavam intocados. Na casa recentemente encontrada, a uns 12km do posto, os Arara ainda não haviam retornado. Prosseguiram na direção norte e acharam uma grande casa, de 23 metros de comprimento por uns 5 de largura. Pela palha, imagina-se que a casa tenha 3 ou 4 anos e não demonstrava sinais de estar sendo habitada. Também, a poucos metros dela, passava uma picada nitidamente tirada por civilizados. Quem teria penetrado até lá? O que terá sido feito de tanta gente? Uma casa desse porte só se justifica para abrigar muitas famílias. Teriam eles atravessado para o sul, quando o movimento era menos intenso à beira da Rodovia? Teriam eles ganhado a mata rumo ao norte, fugindo às penetrações brancas? Teriam morrido? Teriam sido





*Na cancela de palha, um aviso para não prosseguir. Na extrema direita, a repórter.*



sertanista Afonso, comandava uma expedição mais acima do rio Iriri para a atração de um outro grupo arredio e desconhecido.

Em fins de julho, saíram dos barcos, com 10 homens, alguma munição, dois rádios, e um rancho constituído de açúcar, arroz, feijão, café, conservas e muita farinha. Após seis dias de viagem pelo rio — nesta época de seca, em vários trechos do percurso era necessário descarregar os barcos e transportar a carga nas costas pela margem —, atracaram nas proximidades do igarapé Sem Tripa, de onde partiram para a longa viagem. Foi, ao todo, quase um mês de buscas pela floresta fechada, mais ou menos 120km de serras e pouca água; estando as grotas secas, por várias vezes os cantis eram preenchidos com água da gigantesca sumaúma.

Os vestígios encontrados eram antigos. O rancho levado se consumia. Acabava a farinha, o café e o açúcar, e a caça estava escassa. Seria necessário que um avião atirasse novas provisões, e para isso deveria ser aberta uma clareira na mata.

Diante da proximidade da Transamazônica e da pequena importância dos vestígios encontrados, o coordenador da Frente achou melhor voltarem a Altamira e reorganizar a expedição.

Novos mantimentos foram comprados, e, no começo de setembro, Sydney voltava à beira do Iriri para novas investidas na área. Souberam da presença de índios no igarapé Zoião. Armaram um acampamento de base ainda à beira-rio e rumaram Zoião acima.

Depois de muito vasculhar em vão as cabeceiras deste igarapé, resolveram retornar ao acampamento de base e tentar o igarapé vizinho.

Subindo o *Cachoeira Seca*, os vestígios mostravam-se recentes. Vários

mortos? Com tantas dúvidas no ar, mesmo assim a expedição prosseguiu.

Ziguezagueando pela floresta, vieram encontrar uma roça de banana e uma casa menor, já próximo ao posto. O bananal era reconhecido pelo Chefe do PIA de um sobrevôo realizado no começo do ano.

Continuando pelo caminho de volta, toparam com dois cofos (cestos) largados no mato, cheios de cará. Aparentemente, os índios os teriam deixado para pegá-los depois. Como a expedição estava perto do local de origem, deixaram o resto da farinha num saco plástico, sobre o cofo maior. E uma pulseira sobre o menor.

Atingindo a seguir o ex-acampamento, o jirau de presentes estava vazio, ou seja, entre os seis dias que durou a caminhada, os Arara haviam aparecido e recolhido os brindes, o que confirmava as suposições dos mosteiros que ficaram no acam-

pamento: certos ruídos de pau quebrando, de pau caindo, eram os índios que os observavam e se manifestavam.

No dia seguinte, foi providenciada a colocação de novos brindes. Inesperadamente, os presentes da roça não haviam sido retirados. O mais curioso é que, na ida, notou-se que certas palmas que interditavam o caminho estavam viradas para fora, desimpedindo-o. Os presentes foram repostos no jirau e, mais adiante, na casinha arara.

Outro fato interessante ocorreu na volta, quando se reparou que o antigo cipó que continuava amarrado na ida havia sido desatado...

### EXPEDIÇÃO IRIRI

Enquanto os trabalhos se desenvolviam nos dois postos, *Pv 1* e *Frente Penetecaua*, Sydney, auxiliado pelo



dias de intensa procura, e, finalmente, entre as cabeceiras do igarapé *Cachoeira Seca* e *Curuá-Una*, atingiram uma aldeia desses índios desconhecidos, com algumas casas e uma boa roça. Os moradores, aproveitando o verão e a seca, deviam estar perambulando, já que a época favorece os deslocamentos dos índios caçadores pela mata.

Na aldeia, descansaram uns poucos dias, distribuíram presentes variados, e arrumaram a roça, escorando os cachos de banana que amadurecerão em breve, ajudando assim os índios que não devem demorar. Feito isso, caminharam mais uns dias por perto e retornaram à aldeia, ainda vazia. Sydney recolheu alguns utensílios, e voltaram ao acampamento. Retornaram cortando uma picada que ligasse a aldeia a esse acampamento.

Pelo tipo de artesanato encontrado, Sydney acredita serem índios *tupi*. Atualmente, sob a chefia de Afonso, os mateiros esperam a visita desses aborígenes ao posto provisório, o que deve ocorrer após o retorno dos índios à aldeia.

## SINAIS PROMISSORES

A Frente é um empreendimento de disciplina quase militar, onde, para seus trabalhadores, não existem sábado nem domingo. O trabalho exige o envolvimento intenso de seus coordenadores.

Entretanto, em menos de um ano de ação, o empreendimento começa a mostrar sinais promissores. Ainda assim, apesar da impressão de que os contatos serão realizados em breve, é um trabalho imprevisível, que pode se estender no tempo.

Além do termo *pacificação*, oficialmente usado, é muito comum ouvirmos entre pessoas de diferentes níveis econômicos e educacionais expres-

sões como — *domesticar, amansar o índio brabo* — referindo-se aos trabalhos de atração.

Existe uma preocupação na orientação da Frente, no sentido de esclarecer e informar os mateiros, colonos, fazendeiros e a população xingua de maneira geral sobre a situação dos Arara, e sobre o andamento e o objetivo do trabalho, que é “*a proteção física, territorial e cultural do povo Arara, ameaçado pelo avanço da sociedade nacional*”. Com isso, espera-se despertar na população o sentimento de respeito humano ao brasileiro autóctone cuja imagem — e não só a imagem — vem sendo deteriorada através da nossa História.

Por outro lado, como os Arara possuem a pele muito clara, e nem sempre são vistos pintados de preto de jenipapo, correm pelos arredores de Altamira as mais curiosas porém sintomáticas fantasias: para os posseiros, a interdição de um torrão de terra é obra de *grileiro*. Entre os fazendeiros e grileiros, já houve quem sugerisse a possibilidade da existência de *subversivos* entre os índios.

A Frente de Atração Arara enfrenta também problemas do futuro. Existe um projeto para a construção de uma hidrelétrica ao longo do rio Xingu. Apesar da pouca informação a respeito, há a possibilidade de inundação de significativa faixa de terra, incluindo o parco território Arara que restou.

Apesar das dificuldades, a Frente Arara prossegue seu trabalho, confiante no seu objetivo.

No jornal local, *Gazeta do Xingu*, de 4 de outubro de 1980, o diretor industrial da Cotrijuí reclama uma solução para os 400ha da terra, comprados em 74, e ameaça retirar seus capitais da região, abandonando o Estado do Pará, já que nesta longa espera (?) vem perdendo os lucros que a colonização da área geraria.

De direito, a Lei n.º 6.001, de 19 de dezembro de 1973, no seu Artigo 62, desde antes da compra, esclarecia esse tipo de impasse: “*Ficam declaradas a nulidade e a extinção dos efeitos jurídicos dos atos de qualquer natureza que tenham por objeto o domínio, a posse ou a ocupação das terras habitadas pelos índios ou comunidades indígenas.*”

De fato, sem ignorar o esforço da Frente e o apoio que ela vem recebendo da Funai, é preciso que o Poder Público fique atento à situação e garanta, daqui para a frente, uma sobrevivência digna ao povo Arara.

PV1, 22 de outubro/80

Depois de um dia intenso de fiscalização pelas vicinais e remoção dos invasores com o apoio do 51 BIS (Batalhão de Infantaria da Selva), Sydney e Wellington chegaram ao PV1 no começo da noite. Tomaram banho no igarapé e resolveram espiar o tapiri de brindes.

Os índios já haviam estado lá e pegaram todos os presentes. Os dois voltaram à casa, encheram os braços de farinha, rapadura e espelhos e se dirigiram ao tapiri acompanhados pelo chefe do posto e dois mateiros. Chegando lá, a grande surpresa: os Arara deixaram duas tabocas grandes, cheias de mel.

Animado, os frentistas passaram algum tempo na porta da casa, cantando e tocando as flautas *Wai-wai*, enquanto os índios respondiam da mata, imitando o canto do jacamim...

Novembro—dezembro/80

A equipe de Atração do Km 80 — grupo do norte — constata várias derubadas e o aumento das invasões. No acampamento, os índios não têm aparecido. Prossegue o trabalho de fiscalização e contenção das penetrações.

Da Frente Iriri, Afonso informa via rádio que os índios levaram pela primeira vez os brindes deixados no tapiri.

No PV1, as relações se desenrolaram simbólica e amistosamente. O Posto já tem uma coleção de diademas, redes de envira, fachos de fogo, facas e facões de madeira, além dos jacus, mutuns, jabutis e do mel, deixados pelos Arara em suas visitas sorrateiras, mas quase cotidianas.

Apêndice

2 de fevereiro/81

Realizado o contato com os Arara, no PV1. Cinco índios — 2 adultos, 2 rapazes e 1 criança —, após pegarem os brindes por quatro vezes consecutivas, se aproximaram da equipe de Atração, e aí permaneceram por quase uma hora. Traziam como presentes um jabuti, porção-do-mato assado, tabocas de mel, e o clima foi de festa e confraternização no começo da mata, junto ao tapiri.

O encontro se deu entre muitos risos e tantas palavras que, embora incompreensíveis, ressoavam como uma longa conversa de velhos amigos. O índio Txicão que acompanha os trabalhos como intérprete foi quem pôde entender um pouco do que os Arara falaram. Segundo ele,



os índios Arara vivem em duas grandes aldeias — confirmando a observação do Possuelo, em sobrevôo realizado na área (sul). Perseguidos durante muito tempo, só agora puderam cultivar novos roçados, mas a mandioca ainda está nova (pequena), daí a importância da farinha que recolhem no tapiri. Cercados de gente por todos os lados, eles fazem freqüentemente a vigilância do que sobrou da mata. Entre as tarefas obrigatórias de caça e plantio, saem em grupos percorrendo as cercanias da área, efetuando ataques quando são ameaçados. Disseram ainda que voltariam após algumas luas, quando trariam suas mulheres e crianças para conhecer os novos amigos...

### QUEM SÃO OS ARARA

Vários estrangeiros, nos seus relatos de viagem, nos contam algo sobre a cultura desses índios, porém, as informações são bastante vagas.

Curt Nimuendaju, etnólogo alemão, foi quem reuniu maior número de dados a respeito dos Arara. Segundo ele, as primeiras notícias datam de 1853, quando um grupo desses índios apareceu na região do Baixo Xingu: seriam, ao todo, 343 adultos.



Àquela época, os Arara teriam como seus maiores inimigos os Yuruna e os Kayapó, e, constantemente pressionados por esses adversários, se tornariam um povo nômade. Pensava-se que os Arara não teriam qualquer conhecimento sobre a prática da agricultura, visto que, por esta época, o jabuti era seu único meio de troca. No entanto, o próprio Nimuendaju contestara esta suposição alegando existir no vocabulário arara palavras para "tabaco, batata, mandioca e beiju".

O etnólogo refere-se ainda à arte plumária dos Arara, que confeccionam cocares, brincos e pulseiras, e constata entre esses habitantes das florestas centrais o uso da argila moldada, embora de forma bastante rústica.

Tomando pelos relatos mais recentes, sabe-se que os Arara praticam a agricultura, e, da mandioca, fazem a farinha. Seus utensílios são feitos em madeira ou bambu; tecem o algodão — daí fazem a rede —, a fibra e a palha. A palmeira do babaçu é matéria-prima básica para a construção de suas casas, na confecção de cestos e adornos do corpo. Da canajuba ou do taquari, fabricam as flechas, que lhes garantem o sustento.

### ALGUNS CONFLITOS DE QUE SE TEM NOTÍCIA

1942 — Ocupavam a área do rio Jarauçu e mantiveram contatos com um morador da região de nome Antônio Cassiano, efetuando troca de brindes.

1943 — Foram atacados por extratores de óleo de copaíba e sofreram duas mortes.

1945 — Tentando novo contato, o Sr. Cassiano é morto e seu batelão de canoas tomado pelos índios.

1950 — Os Arara sobem as cabeceiras do rio Jarauçu e se instalam onde hoje é a Agrovila Brasil Novo, no Km 48 da Transamazônica.

1967 — Início dos trabalhos de levantamento topográfico da Rodovia Altamira/Santarém; um trabalhador é morto em um dos ataques dos Arara, nas proximidades do Igarapé Arrendido.

1969 — Um grupo de gateiros espingardeia os Arara, matando 12 índios, e deixam alimentos envenenados como "presente".

1972 — Um grupo é localizado na altura do Km 101 da Transamazônica. Rápido encontro dos índios com os

componentes da Frente de Atração. Os índios efetuam ataques sem vítimas.

1973 — Na altura do Km 80, gateiros entram em choque com os Arara, causando várias baixas. Constatação feita pelo sertanista Afonso.

1976 — Três servidores do CPRM (Cia. de Prospecção de Recursos Minerais) são mortos na altura do Km 130. Sertanistas são mobilizados para resgatar os corpos.

1977 — Julho: os Arara atacam no Km 115, matando um morador. Sertanistas constataam a invasão da área por gateiros.

Setembro: a Frente é atacada e um servidor é gravemente ferido.

1978 — Um servidor da FAA, índio Wai-wai, é flechado.

1979 — Julho: os sertanistas Afonso Alves e João Carvalho e um funcionário da Frente são gravemente feridos, flechados pelos Arara quando tentam aproximação.

Outubro: os Arara atacam e ferem um trabalhador da Fazenda Maracajá, no Km 145.

Novembro: os Arara destroem a casa de um agricultor na altura do Km 105.

Na outra página, chegando na roça. Ao lado, anotando o progresso da expedição. Abaixo, as placas de interdição: partes importantes do equipamento.

